

revista petrobras

A REVISTA DE QUEM FAZ A PETROBRAS

ANO 15 Nº 153 NOVEMBRO/DEZEMBRO 2009

TOP DE linha

Saiba como a área de Abastecimento está se reestruturando, com destaque para cinco novas refinarias, a fim de que o Brasil se torne autossuficiente em derivados entre 2012 e 2013



Diversidade?

É respeitando a diversidade que multiplicamos resultados.

O respeito à diversidade humana e cultural é muito importante para o crescimento do nosso negócio em tantas regiões do Brasil e do mundo.

As diferenças de gênero, idade ou etnia fazem da Petrobras um grande mosaico de talentos que, juntos, podem superar qualquer desafio.

Na Petrobras, todos e todas merecem oportunidades iguais para continuar fazendo a diferença!

10 DE DEZEMBRO
Dia Internacional dos Direitos Humanos.

ENTREVISTA IBDD

Superintendente do é Instituto Brasileiro de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Teresa Costa d'Amaral fala com paixão da luta diária de milhares de brasileiros pela cidadania.

pág. 4

CAPA STEFERSON FARIA

Cinco novas refinarias, modernização de várias unidades do parque de refino e mudanças profundas na área de Abastecimento preparam a Petrobras para o grande salto: vender petróleo e derivados mundo afora.

pág. 10

FORÇA DE TRABALHO BANCO DE IMAGENS PETROBRAS

Censo para a Diversidade Petrobras tem adesão de 62% dos empregados e revela os diversos perfis humanos e culturais dos trabalhadores da companhia.

pág. 16

INTERNACIONAL GERALDO FALCÃO

Ofensiva da Petrobras no Golfo do México inclui participação na exploração do poço mais profundo já perfurado no mundo.

pág. 18

SOCIAL DIVULGAÇÃO

Uma escola de dança está transformando a vida de crianças e adolescentes no interior do Ceará.

pág. 28

GESTÃO SXC

Vai viajar a serviço? Não deixe de conferir as dicas da *Cartilha do Viajante* para ter uma viagem mais segura.

pág. 30

- E mais...**
- 6 Petrorama
 - 20 Ambiente
 - 32 Fique por Dentro
 - 7 Mural do Leitor
 - 24 Pesquisa
 - 36 Máquina do Tempo
 - 8 Inovação
 - 26 Gente



revista **petrobras**
A REVISTA DE QUEM FAZ A PETROBRAS

Revista Petrobras 153 • ano 15 • Novembro e Dezembro de 2009
Av. República do Chile, 65, sala 1.202 • Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20035-900
E-mail: revistapetrobras@petrobras.com.br

Gerente Executivo de Comunicação Institucional **Wilson Santarosa** • Gerente de Relacionamento **Gilberto Puig** • Gerente de Relacionamento com o Público Interno **Luiz Otávio Dornellas** • Comitê Editorial **Ana Luísa Feijó Abreu (Financeiro)**, **Cláudia Del Souza (E & P)**, **Cláudio Francisco Negrão (Transpetro)**, **Maurício Lopes Ferreira (RH)**, **Elizete Vazquez (Serviços Compartilhados)**, **Lucia Maria Henriques (Abastecimento)**, **Luiz Roberto Clauset (SMS)**, **Marcelo Siqueira Campos (Petrobras Distribuidora)**, **Márcia Figueiredo (Internacional)**, **Marlon Santos (Cenpes)**, **Georgia Valverde Leão (Jurídico)**, **Wanderley Bezerra (Gás e Energia)**, **Carmen Vilar Prudente (Engenharia)** • Editor Responsável **Alexandre Medeiros (Ofício de Letras)**, Mtb 16.757 • Editor de Fotografia **Geraldo Falcão** • Editores **Nádia Ferreira e Patrícia Alves** • Editora assistente **Claudia Lima** • Produtor Executivo **Albano Auri** • Diagramação e Infografia **Azul Publicidade** • Colaboradores **Celina Côrtes, Consuelo Sánchez, Francisco Luiz Noel, Júlia Viegas, Karina Bartels Cabral, Luciana Conti, Márcia Leoni e Pedro Paulo Malta** • Copidesque **Bella Stal**

A voz baixa vai desvendando aos poucos a personalidade forte de Teresa Costa d'Amaral, historiadora que, em 1998, fundou o Instituto Brasileiro de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência (IBDD) para ser uma ONG diferente. Não há vestígio da palavra assistencialismo em seu vocabulário, repleto de nomes de pessoas comuns com enormes dificuldades e incríveis histórias de superação. Ao falar do instituto do qual é superintendente, impressiona sua paixão pelo trabalho e a convicção nos ideais que a levaram a construir essa organização não governamental sediada no Rio de Janeiro. Na primeira década de funcionamento, o IBDD realizou 55.704 atendimentos em suas quatro áreas de atuação – esportes, apoio à pessoa, trabalho e direitos. Número que dá alguma medida a incontáveis histórias de conquistas individuais.

1 Por que o IBDD é diferente?

Vou dar um exemplo concreto. Há uma semana, recebemos o telefonema de um deputado federal que queria fazer uma emenda especial no orçamento da União para o que o IBDD quisesse e precisasse. Eu tive que dizer: “Deputado, agradeço muito, mas o instituto não recebe recursos públicos, é norma aprovada pela diretoria”.

2 O Instituto não se mantém com recursos públicos, mas pode receber patrocínios para suas ações?

Recebemos recursos da Fundação Vitae e da Fundação Avina, mas todos muito específicos. Um dos poucos patrocínios que tivemos foi da Petrobras, que investiu no nosso esporte até o começo de 2007. Hoje, conseguimos vender serviços para empresas. Quando nascemos, tínhamos muitas dificuldades. Passamos cinco anos sem cobrar, oferecendo terceirização de mão de obra. É um trabalho padrão muito bonito que a gente faz com o deficiente, com extremo cuidado para não precarizar as relações trabalhistas. Mantemos sempre a ideia de que o nosso cliente é o deficiente, e não a empresa.

3 Qual é a relação com as empresas?

Sempre que eu faço palestra numa empresa, digo: nós viemos aqui para conquistar vocês. Não viemos aqui para vender serviços, nem obrigar vocês a cumprirem a cota. Viemos conquistar vocês para a nossa causa. Não é para ter lucro, é para ser parceiro. As empresas nos procuram porque somos referência e porque perceberam que sozinhas não sabem fazer esse trabalho. Somos uma das poucas instituições do Rio que têm programas de informática para cegos – usamos programas importados que no Brasil são de difícil acesso. Temos permanentemente na sala de aula intérprete de sinais. E colocamos na mesma sala pessoas cegas, surdas, deficientes físicas, e sempre uma pessoa não deficiente, para dar um parâmetro do que é a sociedade.

4 Como o IBDD atua na área de esportes?

Existem muitas instituições no Brasil que fazem esportes, mas todas mendigam recursos. A maioria manda seus atletas para fora com dor de dente, com infecção urinária, com fome. Fui chefe de delegação em 1996, em Atlanta, e vi tudo isso, de uma forma estarrecedora. O IBDD dá todas as condições de que um atleta precisa. A prática do esporte tem que ser um dos vetores da cidadania. Dois fatos me marcaram muito quando começamos. Um rapaz

desmaiou no treino, de fome. Depois, o Tenório, nosso campeão de judô em Atlanta, Sidney, Atenas e Pequim, o único atleta do mundo que tem quatro medalhas de ouro em Jogos Olímpicos – ele é cego – me procurou e disse: “Teresa, estou passando fome. Ou você me ajuda, ou vou largar tudo.”

5 A experiência dos Jogos Parapan-americanos no país trouxe algum aprendizado?

A questão é o tratamento diferenciado, que é crime. Para a cerimônia de abertura, distribuíram 180 ingressos para 30 instituições; cada uma recebeu seis. Pedi mais, ofereceram 50 e fiquei de organizar um grupo representativo dos atletas, quando a pessoa me disse que não poderiam ser cadeirantes – os quatro lugares já estavam preenchidos por convidados de delegações estrangeiras. Meses antes, soubemos que a empresa de seguro-saúde dos Jogos só ofereceria o serviço para os atletas olímpicos. No Parque Aquático Maria Lenk, se não tivéssemos ido lá e brigado para construir uma rampa de madeira, os deficientes teriam que se arrastar para ir à piscina, porque fizeram um muro contínuo e o cadeirante não conseguia se aproximar.

6 Qual é o trabalho da área de apoio à pessoa no IBDD?

É uma área técnico-administrativa que identifica as necessidades de quem nos procura e tem uma missão: transformar a demanda em capacidade de luta. Aquela pessoa com deficiência que veio ao IBDD pedir um favor deve sair capaz de lutar por sua cidadania. Nada é dado, tudo é conquistado. Nada é favor, tudo é direito. No caso do atleta, ele tem aqui apoio social para construir sua cidadania, mas tem também tiquete-alimentação. Agora estamos procurando patrocínio para voltar a oferecer seguro-saúde. Como ficamos sem recursos, os treinos hoje são todos no Aterro do Flamengo. O atleta tem preparação física entre as paraolimpíadas, tem nutricionista, enfim, todo um arcabouço que o torna cidadão e atleta.

7 A senhora foi uma das autoras da Lei 7.853/89, uma das mais avançadas na garantia dos direitos da pessoa portadora de deficiência. Poderia falar da área de defesa dos direitos do IBDD?

A Lei 7.853 transformou o mundo do deficiente, porque criou a figura da tutela dos direitos coletivos do deficiente que deu ao Ministério Público a obrigação de defender esses direitos coletivos. Faz 20 anos, e na época eu apanhei, porque diziam que eu estava querendo tutelar o deficiente. Baseado nessa lei, a gente consegue hoje ter ações civis públicas. Ganhamos recentemente uma ação civil pública que obriga a União, o estado e o município do Rio de Janeiro a garantir acessibilidade a todos os edifícios públicos de uso coletivo para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Hoje, a Prefeitura só pode conceder alvarás de funcionamento aos estabelecimentos que comprovarem ser acessíveis.

8 O Instituto apoia o Projeto de Lei 112/06, em tramitação no Congresso Nacional. O que muda nessa nova proposta?

Hoje o Estado brasileiro exige que as empresas privadas cumpram uma cota: de 2% a 15% dos empregados devem ser pessoas portadoras de deficiência, mas não exige de si mesmo e das suas empresas que cumpram sua cota. O projeto propõe que cada órgão público faça um planejamento para, em dez anos, chegar a um percentual. Propõe também uma flexibilização do cumprimento da cota pelas empresas privadas, como financiar a profissionalização de pessoas com deficiência, em vez de empregar.

9 O que caracteriza o Instituto é o sentimento de solidariedade?

Esse é um sentimento que tento passar para todo mundo. É você sempre perceber a injustiça e não se conformar com ela. Eu tenho uma vida feliz, tenho tudo de que preciso e me realizo em olhar pelo outro, em lutar pelo outro. É muito bom ser solidário. 🇧🇷

Tereza Costa d'Amaral, superintendente do Instituto Brasileiro de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência (IBDD)

Nada é dado, tudo é conquistado

“Aquele pessoa com deficiência que veio ao IB DD pedir um favor deve sair capaz de lutar por sua cidadania”